

Voz do Sul

SEMANARIO REGIONALISTA REPUBLICANO

N.º 1148

Ano XXVII

Director e Proprietário

Editor - Joaquim Sequeira

Silves, 15 de Agosto de 1942

HENRIQUE MARTINS

Redacção, Administração e Oficinas
Rua 5 de Outubro - SILVES

SISTEMA EDUCATIVO

A educação inglesa é um producto directo da história nacional, e das mudanças sistêmicas, tanto dos tempos medievais como do século XVIII, século XIX, e tempos modernos. A Inglaterra herdou a «Grammar School» do período dos Tudor e «Elizabethano», assim como a tradição clássica.

De facto até 1870, que foi quando a educação se tornou universal e obrigatória, toda a educação tinha as suas origens nas actividades religiosas. As escolas que tinham sido originariamente destinadas a «pauperes et indigents» foram assaltadas pelas novas classes ricas em todos os pontos durante os séculos XVIII e XIX, e convertidas em centros privilegiados. Escolas como Eton, Harrow, Winchester, Westminster, e outras, formaram grandes tradições e transformaram-se gradualmente em centros reservados às classes superiores, como já o eram as Universidades de Oxford e de Cambridge. O ensino reservado entre estas escolas e as duas universidades estreitou o campo. Ficou ainda uma quantidade de «Grammar Schools» menores espalhadas por cidades mercantis de todo o país. Estas eram as condições gerais que existiam até às primeiras décadas do século XIX. Novamente as sociedades religiosas, especialmente as pertencentes à Igreja de Inglaterra, puseram em campo a sua actividade para construir escolas para os trabalhadores pobres.

Apenas em 1870 se tornou obrigatória a educação primária, mas já nessa ocasião o país estava cheio de escolas pertencentes à Igreja, sob o controle do «squire» da região. Por alturas de 1900, tinha-se creado uma nova classe profissional formada por professores, funcionários públicos, empregados de escritório e outros — classe que aumentava constantemente e que era recrutada nas novas escolas secundárias pertencentes ao Estado. Actualmente nada menos de 400.000 crianças frequentam as escolas secundárias enquanto que as mais antigas e mais famosas escolas secundárias frequentemente chamadas «Public Schools» se acres-

centam a estas e mantêm uma rígida posição privilegiada, baseada em parte na riqueza e em parte na distinção de classes e na tradição. Daqui vem a tradição da educação de classes, particular da Inglaterra que surpreende o estrangeiro mas que reflete fielmente a sua evolução histórica.

Cerca de 1906, creou-se um sistema de bolsas de estudos que torna possível a uma percentagem crescente de rapazes ascender na escala educativa da escola primária para a secundária e desta para a Universidade. Actualmente cerca de 10% dos que frequentam a escola primária chegam às escolas secundárias e 1% chegam à Universidade.

A essência do sistema educativo inglês é a liberdade. O Ministério da Educação tem um corpo de inspectores; sugere ideias, publica circulares, tenta manter o nível, organiza cursos para professores e paga 50% das despesas. No entanto as escolas são administradas por cerca de 300 autoridades educativas locais. Cada autoridade tem a liberdade de desenvolver à sua maneira própria cada escola, o director compra e escolhe os livros, cada professor desenvolve o seu método próprio para atingir os diferentes assuntos do programa. A posição ideal é que cada escola tenha uma personalidade própria e se torne uma comunidade em miniatura. As escolas são feitas para as crianças e não as crianças para as escolas.

Evidentemente que a guerra provocou um atrazo em toda a educação; pois muitas crianças estiveram longe da escola durante meses, interromperam-se os serviços médicos, e foi impossível evitar muitas deslocações. Como resultados favoráveis, podemos apresentar os seguintes: a experiência de milhares de crianças das cidades vivendo no campo lançou uma torrente de luz sobre as condições urbanas; a simples presença ao ar livre, a boa alimentação e as noites repousadas tiveram um salutar efeito sobre as mentalidades infantis.

(Segue na 4.ª página)

A «CRUZ DE PORTUGAL»

por SAMORA BARROS

A Cruz de Portugal, segundo consta vae ser transferida do local onde está para recinto mais vigiado. Isto é, vae fazer parte ou antes, viver dentro do conjunto arquitectónico — monumental de Silves — de modo a ficar entre a Sé e o Castelo. Acho bem. Não estaria de acordo se houvesse documentação que ilucidasse do seu paradeiro primitivo, porque se dele houvesse notícia aí mesmo ela ficaria, ganhando valor e mais forte enraizamento na sua história secular, desde que se lhe proporcionasse ambiente para poder viver a eternidade a que tem jús como documento de Arte.

De facto, o ambiente que vão preparar-lhe em sua nova pousada é dessa natureza. Nêle encontrará o disvelo e o amparo vigilante que nunca teve naquêlê êrmo, para lá ainda do extremo nordeste da Cidade, onde actualmente está. E o saber-se deste propósito, em que anda empenhada a direcção dos monumentos nacionais, para ao menos guardar em local vigiado aquela joia nacional, já deve constituir grande consolação para a cidade de Silves.

Este facto será o começo. A seguir impõe-se a sua pesquisa histórica, tendente para o maior esclarecimento. Pode à primeira vista parecer difícil, mas devemos lembrar-nos que às vezes um simples documento quanta utilidade não encerra, quanto mistério não desvenda e quanta tradição não derruba! E depois em arqueologia as pedras falam e auxiliam. Os monumentos de Arte são fontes preciosas onde a étnica, a língua, a cronologia correndo em paralelo quantas vezes podem ir beber e refrescar energias amparando-se cada vez mais até aos máximos resultados.

Ora a «Cruz de Portugal» é uma dessas pedras que fala, e alguma coisa de útil nos diz. Se fôsse um simples cruzeiro despido de lavôres e retábulos, de imagens e insignias, vá, o seu mutismo confrangeria, e a sua leitura era impossível. Mas ao contrário ela tem o seu desenho inconfundível, o seu estilo é claro e as sênas que a ornaram estão de harmonia com o papel que desempenhava.

No seu falar ela apenas generaliza, é certo, mas sendo doutrina filosófica que de geral se vae ao particular, com os elementos que estruturalmente apresenta, e o que é mais com a essência que dela se evolva, o estudioso culto pelo cérebro e pela intuição poderá, trabalhando, atingir o pormenor histórico que ora é falha na linguagem petrificada daquêlê símbolo de morte. Assim quem olhar a silhueta, notará que nos braços da Cruz propriamente dita e pelas suas arestas correm ao longo delas cóglios espaçados e ligados por ângulos curvilíneos formando arcaturas.

Estes cóglios ou cógulos que ornaram os vértices dêsse ângulos e enfeitam, desabrochando mais dilatados, os tôpos da Cruz, não são outra coisa que elementos da flora silvestre — cardos estilizados tão característicos da maneira gótica. Observado o estilo da silhueta desta primeira peça, visto que o monumento consta de mais duas, desçamos o olhar e fixemo-lo na segunda. Esta peça sobrepujada pela Cruz representa uma pequena capela ou tumulo encimado por coroa-mento real, ladeado por duas figuras orantes e em cuja moldura da base ha bezantes em relevo. Esta 2.ª peça é a que mais importância pode ter para a razão de existência do monumento. Ela representa sem dúvida um trecho arquitectónico bizantino com seus pórticos e arcaturas sobre frestas ou nichos como em Constantinopla, ou janelas iluminantes como no altar de S. Laurent de Grenoble ou nas miniaturas do Evangelário de O'tão, nos alvôres do século XI. E se esta peça contrasta com o gótico da silhueta da 1.ª peça ou cruz, no entanto ela harmoniza-se com toda a ornamentação escultural existente.

Isto quer dizer que a maior influência artística actuando sobre o pormenor decorativo é a bizantina embora a silhueta seja incontestavelmente gótica e nos diga aproximadamente a época da sua feitura. Este fenómeno observa-se pelo país fóra. O nosso período de labôr de Arte a que se chamou a renascença portuguesa sec. XV,

(Segue na 4.ª página)

PELA RAMA

O Jornalismo de Guerra

Esta modalidade do jornalismo é sedutora, pelo imprevisível, pela aventura, e porque confirma as qualidades do jornalista no que respeita à sua coragem, observação e imparcialidade. Mas oferece sérios perigos. A morte de tantos dêsse jornalistas assim o prova.

Este género de reportagens não tem um século de existência. Durante a guerra do Segundo Império surgiram os primeiros correspondentes de guerra. Jornalistas ingleses acompanharam as tropas à Itália, à Crimeia e à China. Nesta última guerra, o enviado especial do Times foi capturado pelos chineses e barbaramente trucidado.

Em 1870, foi estabelecido o precedente de os jornalistas acompanharem o curso das operações franco-prussianas. Desde então os correspondentes de guerra têm cumprido a sua missão em todas as guerras, e os jornalistas anglo saxónicos muito se têm distinguido no género.

A Ciência ao Serviço das Almas

No Canadá, o Padre Paulo Schulte instalou um altar num avião, para bem cumprir a sua missão de evangelizador, levando a palavra de Deus a todos os seus fiéis, numa paróquia de esquimau e caçadores, situada para os lados do Circulo Artico — por certo a maior paróquia do mundo... pela sua extensão.

Com a sua invenção, consegue dizer missa e ministrar os sacramentos a uma população errante que assim cumpre os seus deveres cristãos na parte mais septentrional do glôbo.

A Nobreza de Washington

Na última Exposição de Nova-York, no pavilhão britânico, foi revelado ao público o segredo de 140 árvores genealógicas, provando os laços que unem as dinastias inglesas às mais ilustres famílias norte-americanas.

E assim se descobriu que Washington, o herói americano, descendia em linha directa do rei inglês Eduardo I, do ramo dos Plantagenetas.

O Rei toma parte na Festa

Na conservadora Inglaterra, país que observa rigorosamente as suas tradições, todos os casais têm o direito de receber o telegrama de felicitações dos Reis, quando provem ter completado as suas bodas de ouro.

Em 1928, 180 casais receberam o cobiçado telegrama. Dez anos depois, o número dos felizes pares subiu a 745.

Visado pela Comissão de Censura

PROPRIEDADES

Arrendam-se

No sitio dos Queimados e em Santo Estevão, freguesia de Silves, com terrenos de sequeiro e regadio, tendo a dos Queimados motor, e a Quinta da Cruz, suburbios de Alcantarilha, só de sequeiro.

Recebe propostas até ao dia 30 de Setembro próximo, reservando-se o direito de não entregar caso não convenha o preço.

Luiz Mascarenhas -- SILVES

CASA DOS LINHOS

(Registada)

Teixeira de Abreu & C.^a

GUIMARÃES

Fabrica especial de panos de linho

Atoalhados -- Panos de algodão -- Colchas -- Bordados
Premiados na Exposição de Paris de 1900

Bons Livros

Encontram-se sempre à venda na

Livraria Artística do Algarve
SILVES

ACIDENTES do TRABALHO e AC. tes PESSOAIS

Mannheimer V. G.

COMPANHIA DE SEGUROS

LISBOA -- Largo da Anunciada, 9, 1.º -- Telefone 2 7777

Sub-agentes em todo o País

AGENTE PRINCIPAL NO ALGARVE:

HENRIQUE MARTINS

Telefone 5

SILVES

RESPONSABILIDADE CIVIL GERAL

INCENDIO

MARITIMO

AGRICOLA

AUTOMOVEIS



VICTORIA SEGUROS

As nossas Companhias apresentavam, em fim de 1939:

Total da receita de prémios
(deduzidos os prémios de resseguro dentro do Grupo) **1.235.000.000\$00**

(Leia: um Bilhão e duzentos e trinta e cinco milhões de escudos)

Valores de garantia e reservas técnicas **5.728.000.000\$00**

(Leia: cinco Bilhões e setecentos e vinte e oito milhões de escudos)

Carteira de Seguros de vida
(excluídos os resseguros aceites dentro do Grupo) **19.180.000.000\$00**

(Leia: dezanove Bilhões e cento e oitenta milhões de escudos)

AGENTE NO ALGARVE: **A VICTORIA DE BERLIM**

Henrique Martins

Rua 5 d'Outubro N.º 7 a 11

SILVES

Adubos Organicos

Para a fertilização mais eficaz e racional e para o maior rendimento de todas as culturas.

Sociedade de Adubos Organicos

ALTO DA GUERRA, L.^{da}

Setubal

Depositário na Região:

Grémio da Lavoura de Silves

Mande executar

os seus trabalhos

tipográficos

NA

Tipografia Artística do Algarve

Rua 5 de Outubro

SILVES

Confessionário Femenino

TENHO dezanove anos. Tudo me parece realizável. Possuo uma inabalável fé no futuro.

Amo uma repartição que frequenta a alta sociedade. Eu sou um modestíssimo funcionário público. Há quatro anos que estudo para ver se consigo uma posição digna dela. Às vezes penso no caminho percorrido e a percorrer. E logo uma ideia terrível me assalta e paralisa a força de vontade. Serão os meus esforços coroados de louros? Esta incerteza constrange-me. Devo continuar, ou desistir? — J. O. S.

Desistir? Quem pode pensar em tal...

Sempre para a frente e de cabeça erguida.

Feliz deve considerar-se a mulher por quem um homem tenta por todas as formas e feitiços erguer-se até às culminâncias.

Não pode viver-se sem um ideal.

E' esse ideal que buscamos muitas vezes em vão, que nos guia os passos, que nos incita e anima.

A luz que lhe alumia o caminho, não se apagará, tenho a certeza.

A felicidade plena há-de vir ao seu encontro. A virtude mais apreciável é o trabalho.

Uma pessoa enérgica, activa, nunca poderá ser viciosa. Será um companheiro leal.

A preocupação do estudo é sempre absorvente, em quem queira triunfar na vida.

O seu caso é dos mais simpáticos que conheço.

Geralmente a ambição domina os espíritos, desejando furiosamente casamentos ricos para se estabelecerem à sombra do que os outros ganharam, sabe Deus com sacrifícios.

Um rapaz que pretende subir a toda a altura, que vence obstáculos para alcançar o fim desejado é digno do maior apêlo e aplauso.

E' sempre apreciável aquêle que se firma na sua vontade para galgar distâncias, para alcançar o saber ou a fortuna.

E' tão rara essa perseverança.

Quem tudo tem vencido para se elevar até a sua ambicionada situação social, não tem sequer o direito de pensar em desistir.

Abandonar uma ideia feliz na hora, no momento em que todos os olhares poisam em si maravilhosos, seria um autêntico fiasco.

Nem pelo espírito lhe deve esvoaçar tal pensa-

mento. Suponha mesmo que a pessoa que o tem inspirado, por qualquer razão desaparecia. A sua posição não se modificava.

Tinha trepado à custa do seu próprio esforço. Ninguém o podia empurrar do lugar conquistado. Não lhe faltaria então quem o apreciasse. E' difícil descobrir um diamante em bruto.

Depois de lapidado todos os olhos se deslumbram com o seu brilho.

Essa ideia dominante esbater-se-ia e desse amor, outro amor floriria. Mas nada disso sucederá.

O seu ídolo há-de sorrir-lhe deslumbrado quando souber que por ele lutou, venceu, alcançou a vitória. O maior galardão que pode oferecer-lhe é a prova real de um afecto que o levou tão longe.

Nada de desanimos.

Quanto mais alto se elevar, mais próximo estará dela. Os que trepam sem amparo de ninguém, tem confiança absoluta nas próprias forças.

Há uma segurança especial no indivíduo que tem fé no seu eu, uma firmeza que o não deixa duvidar do êxito.

Fraquejar nesta altura seria uma cobardia. Já pensou na má impressão que causaria em quantos o admiram, o abandono da carreira que resolveu seguir?

Nem pense em tal.

Uragem como sempre tem tido e o resultado final ultrapassará toda a expectativa!

Sara Beirão

Helena — Evite esse casamento que seria a sua desgraça e que redundaria em divórcio e em que circunstâncias... deixando-a sem metade dos seus bens. Para ele era negócio.

Flor Bela — Aparecem para desfazer o que está feito e mais tarde repetir a cena.

Revistas e Publicações

O Coelho e seus produtos

A Campanha «Produzir e Poupar» em boa hora lançada pelo Ministério da Economia tem encontrado caloroso acolhimento em todo o país e em todas as camadas sociais.

Um dos imperativos largamente espalhados pela Imprensa e pela Rádio incitava os particulares à criação de coelhos. A frase «Cria coelhos; a carne engorda, a pele agasalha», tornou-se conhecida de todos.

Na verdade, este roedor é dos que maior rendimento dão, não só pela sua fecundidade e rápido crescimento, como pelas aplicações que tem a sua pele, de larga utilização industrial.

Por estas razões, o livro «O Coelho e seus produtos» cuja sexta edição a Livraria Clássica Editora acaba de lançar, tem a maior actualidade e vai, decerto, encontrar no público o acolhimento que foi dispensado às cinco anteriores edições e à Colecção «Fontes de Riqueza» na qual este volume está integrado.

Tudo quanto interessa à criação do coelho se ensina, em termos claros e compreensíveis, neste livro — desde a instalação da coelheira à sua higiene e doenças, passando pelos problemas das raças, criação, reprodução e selecção das espécies e sua alimentação.

O aspecto económico da criação de coelhos — agora particularmente interessante com a falta de carne de gado vacum — tem neste livro utilíssimo largo destaque.

«O Coelho e seus produtos», ilustrados com desenhos elucidativos, é uma obra actualizada e actual — um livro que a todos interessa e pode ser adquirido na Livraria Martins desta cidade.

EM GUARDA Recebemos mais um numero, o 8 desta interessante e esplendida revista de propaganda do enorme esforço de guerra americano, que se publica em portuguez e com grande numero de magnificas gravuras, algumas vistosamente impressas a cores.

Aos serviços de imprensa da Legação dos E. U. A. com sede em Lisboa, agradecemos a gentileza da oferta, e pena é que não tivéssemos recebido os n.º 1, 2, 3 e 4, para ficarmos com a colossal obra completa.

O Cezimbrense Completou 16 anos de publicação este nosso distinto colega, que defende os interesses da aprasível praia de Sezimbra, sob a inteligente direcção do sr. Abel Gomes Polvora.

As nossas saudações com desejos de longa vida desafogada.

Secção Literária

CASTELOS

Na praia da Boa Nova, um dia
Edifiquei — foi esse o grande mal! —
Alto castelo, — o que é a fantasia! —
Todo de lápis — lasuli e coral...

Naquelas redondezas não havia
Quem se gabasse dum domínio igual.
Que castelo tão alto! Parecia
O território dum senhor feudal...

Um dia, não sei quando nem sei onde,
Um vento seco do deserto e o «splin»
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu castelo, sim.
— Porque eu já fui um poderoso conde
Naquela idade em que se é conde assim...

António Nobre

A dôr e a alegria

O que é a dôr? Um mar. E a alegria?
Perola oculta nêsse mar fremente.
Quantas vezes a perola encantada,
Entre as rochas profundas sepultada,
Se dissolve esquecida, lentamente,
E nunca chega a ver a luz do dia!

Antero do Quental.

BONDADÉ

Que mais faz quem quer uma permanente submissão ao puro espírito de exactidão desta máxima, nunca o tempo faltou a quem sobra vontade de bem o aplicar».

«Pedro Ramus patenteia-nos um carácter da mesma tempera. De família pobre, o ocupou-se primeiro em guardar gado. Em Paris após muita miséria conseguiu entrar como criado no colégio de Navarra. Esta situação abriu-lhe caminho e em poucos anos tornou-se um dos maiores sábios do seu tempo».

Viver vidas assim há de forçosamente ser um deslumbramento para os autores delas. E' licito supol-o a quem como nós verifica ser um encanto referir-se ainda que ligeiramente a elas...

Se estas existências não demonstram a exactidão com que se afirma fazer mais quem quer que quem pode, onde ir buscar essa confirmação?

Luiz Leitão

Investigando no Passado Algarvio

ALBUFEIRA - antiga - notas

B.^{ca} Nacional - Manuscrito n.º 9771

Em Março de 1780 deram á costa, em Albufeira, na proximidade dos olhos de agua a S. da vila, dois cetaceos de cerca de 18^m de comprimento e 2^m de grossura, raros, de que o major de engenheiros, José de Sande de Vasconcelos tirou o desenho que mandou para o museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Albufeira tinha 15 beseiteiros do Couto; foi de Conc.^{ho} de quarta ordem; e Comarca de 3.^a classe. O seu procurador em côrtes tinha assento no banco 15. Pertencia á Correição de Tavira.

O antigo hospital da vila foi noutro tempo antigo albergue.

Até 1834 teve juiz de fora.

A igreja da Misericórdia da vila era a antiga mesquita dos mouros.

A matriz foi priorado com tres beneficiados que até 1834 foram providos pela mesa da Consciencia e Ordens por ser da Ordem de Aviz.

D. Francisco Gomes de Avelar, Bispo, foi quem reconstruiu a matriz.

Albufeira tem Castelo no centro da vila, onde estão ou estiveram a Camara Municipal, etc. etc.

Albufeira é atravessada por um ribeiro que desemboca no mar.

O porto de Albufeira é defendido dos ventos exceto de E. Pode só receber barcos de pequena lotação; a enseada é estreita.

Os arabes ocuparam Albufeira em 716 dando-lhe o nome de Al Buhera ou Al-Buar, diminutivo de bahson (mar) da grande lagoa que havia na região.

D. Manuel deu-lhe foral em 20 de Agosto de 1504.

Em 1833 foi Albufeira cercada pelo guerrilheiro João Joaquim de Sousa Reis — o Remechido, arrendendo a maior parte das

casas nobres. Os constitucionaes refugiaram-se no Castelo donde se defenderam corajosamente, mas faltando-lhe as munições, capitularam. Aproximando-se porem da terra um barco armado em guerra, e fazendo fogo para terra os miguelistas não tendo artilheria clamaram que era traição e vingaram-se matando 27 ou 74 (está escrito duvidosamente) dos liberaes entregues; isto se deu em 27 de Julho daquele ano.

Albufeira já existia no tempo dos Romanos com o nome de *Baltum*.

Com a tomada pelos cristãos, Albufeira perdeu o comercio que tinha com os africanos, comercio que era enorme!

As armas heraldicas da Vila são uma vaca dourada em campo azul.

Os Espanhoes ainda lhe chamam *Albunheira*.

Pelo terramoto de 1775, o mar elevou-se a 10^m invadindo a vila, desabaram todas as casas, só ficaram de pé 27 e essas arruinadas. O povo fugio para a igreja Matriz que desabou fazendo 227 victimas.

Em 2 de Julho 1823 D. João VI fez 1.^o barão de Albufeira o tenente G. al José Vasconcelos e Sá.

Honorato Santos

Exames do 2.^o grau

Aprovadas: — Maria Helena Coelho de Jesus Horta, Maria Teresa do Carmo Correia, Maria Amália de Freitas Santos Clara, Maria Tereza Cantinho Braz Machado Mira, Maria Ilda Guerreiro Matoso, Maria de Lourdes Ramos Velhinho, Maria José Martins Raminhos, Lucinda da Conceição Martins, Alzira dos Santos Amaro Patricio, Maria Edite Correia Mourinho, Adelaide Mascarenhas Correia, Maria Tereza de Jesus Bica, Maria da Palma Eugénio, Maria Manuela Catarino Jacinto, Maria Helena Gonçalves Bernardo, Maria Isabel Nunes Vicente, Maria Aliete Freire Fernandes, Maria José Alves do Nascimento, Corália Rita Cantinho Machado, Maria do Nascimento Carrasco, Josefa Maria Gonçalves Bernardo, Maria Laura Barreiro, Maria Teresa Correia Varela, Maria José Martins Castanheiro, Maria Zulmira do Nascimento, Judite Simão e Maria José Sequeira Alves.

Distintas: — Maria Francisca Félix Alves, Amélia Maria Ramos, Dulce Maria Rocha Pinto e Maria Tereza Leal dos Santos.

A "Cruz de Portugal"

(Continuado da 1.^a página)

tem linhas construtivas e silhuetas de estilos bem diferentes dos da sua ornamentação qualquer que seja.

E' preciso recordar que as nossas corporações de artífices além de terem sido as últimas a organizarem-se na península e já quando o gótico estava decadente não conseguiram, porque não tinham para isso ambiente cultural, criar um sistema construtivo, muito menos um estilo e nem ao menos realizar harmonia nos pormenores da decoração.

Quaesquer obras onde o carácter religioso se impunha como neste caso da «Cruz de Portugal», elas eram sempre inspiradas nos motivos que adornavam conventos e mosteiros, desempenhando os frades das ordens religiosas papel importante nos fornecimentos de desenhos. O tema era a Vida de Cristo e esta era representada ao sabor da época no maior capricho de tornar feio, o filho de deus pois assim era considerado pelos doutores e Santos da Igreja. Quando algum Rei, bispo, Grande Senhor ou dignatário, balio ou frei por seu voto, ou em ação de graças de qualquer feito ou alívio de almas, se propunha a encomenda de singelo ou grande monumento, era sempre a essas ordens religiosas que pedia seu conselho e seu traçado.

E logo as oferendas ou votos tomavam forma nas volutas dos báculos, nos tesouros das catedrais, nos marfins, nos esmaltes, nos pórticos, nos tumulos e nas cruces.

Continúa

Sistema Educativo

(Continuado da 1.^a página)

O problema da adolescência apresentou um novo interesse. Afim de evitar a difusão da delinquencia em tempo de guerra, a Grã-Bretanha estabeleceu uma Comissão Nacional da Juventude com Comissões Locais da Juventude em cada zona.

Actualmente, as autoridades inglesas estão fazendo experiências muito interessantes de colaboração com determinadas organizações tais como «Boy Scouts» clubs de rapazes e de raparigas, etc. Também o Ministério da Educação, de colaboração com «Pilgrim Trust» inaugurou um plano para auxiliar a música e as artes em tempo de guerra. Certas orquestras têm sido convidadas a visitar e a dar concertos nos centros industriais, assim co-

NA TERRA dos Rajahs

O Maharajah de Mysore, quando viajava na Europa, fazia-se acompanhar de 50 secretários, 260 malas, milhões de jóias e 80 automóveis. Este milionário, único no seu género, deve sempre — como o Papa sentar-se sózinho à mesa, e não come senão legumes. Há um pormenor que complica singularmente o serviço: *nenhuma sombra humana deve tocar nos alimentos enquanto são preparados*, a tal ponto que o cozinheiro, pondo o prato em cima do fogão, sai e não deve entrar na cozinha sob o minimo pretexto. Enfim, o álcool é proibido aos convivas, e substituído pela água sagrada do Ganges, de que centenas de garrafas acompanham o Maharajah, quando viaja.

Se o Soberano quere praticar alguma «orgia» bebendo, por exemplo, água mineral, esta bebida deverá ser previamente abençoada por um sacerdote que sempre o segue. Por outro lado, o potentado não deve fumar, nem tomar café, nem ir ao teatro. No aposento principal do Príncipe, onde índios, vestidos de brocado, velam à porta, é improvisado, um pequeno templo. Espessas cortinas escurecem a sala misteriosa; as paredes e o tecto bem como o soalho estão completamente nus.

Num altar resplandece a estatueta da deusa Chaman-di, da qual o soberano é, em linha recta, o último descendente.

Cine-Teatro Louletano

Nesta bela casa de espectáculos exhibe-se amanhã um esplendido programa duplo, com dois magníficos filmes de grande successo.

Trata-se de O REI DA MORTE, um filme de carácter terrorífico, que é uma obra-prima no seu género, onde aparece o genial actor Boris Karloff, um especialista nesta modalidade de filmes.

Como complemento, o filme de movimento, VIDAS ACIDENTADAS com o célebre actor Jack Holt.

mo as sociedades dramáticas têm sido animadas.

No entanto, é de esperar, que acima de tudo, surja desta guerra, um novo sistema educativo inglês mais espalhado e mais profundo nas suas finalidades. Os aviadores e marinheiros britânicos têm demonstrado que, homem para homem e navio para navio, são superiores a tudo quanto têm encontrado pela frente. Tudo isto vem acreditar a sua preparação anterior nas escolas.

léfe

A NOSSA CARTEIRA

Durante o corrente mês fazem anos:

Dia 10 — Constantino de Jesus Azevedo e D. Maria Luiz Martins Callapez.

Dia 14 — D. Virginia Jacinto Tomé.

Dia 15 — D. Maria de Lourdes Rocha Brigida.

Dia 16 — Anibal Santana.

Dia 24 — Joaquim Augusto de Ramos Taborda.

Dia 30 — D. Maria Tereza Carneiro Frederico da Silva e dr. Hermenegildo Horta Correia.

Casamento

Realizou-se em Lisboa o casamento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Inácia Nunes de Mendonça, estremosa e mui prezada filha do nosso querido e velho amigo e assinante sr. Manuel de Mendonça, da Cumeada-Messines, com o sr. Joaquim Eduardo Nunes, de S. Sebastião Buenos Aires, Almodovar, actualmente residente em Lisboa.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, seu pai sr. Manuel de Mendonça e sua irmã Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Nunes de Mendonça, e por parte do noivo o irmão sr. José Jacinto Nunes e o tio sr. José Jacinto Guerreiro.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para Sintra, de onde já regressaram.

Notícias pessoais

Encontra-se na Praia da Rocha, com sua Ex.^{ma} esposa e filhinho o nosso querido amigo e presado assinante sr. dr. Ramiro Nobre, de Santarem.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo e estimado assinante sr. Joaquim de Abreu Cochado, de Pera.

Com sua Ex.^{ma} família partiu para Lisboa, o nosso illustre assinante sr. dr. Vasco Quevedo. Ministro Plenipotenciário, aposentado, que se encontrava na sua Quinta de Mata Mouros, subúrbios de Silves.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso velho e querido amigo sr. dr. João Victorino Mealha, distinto advogado, actualmente residente em Lisboa.

De regresso de Lisboa, encontra-se já há dias entre nós o nosso presado amigo e assinante sr. dr. Lança Falcão, que se fazia acompanhar de sua Ex.^{ma} esposa e estremoso filho sr. dr. Carlos Alberto Lança Falcão.

Regressou de Lisboa o importante industrial de Silves sr. Aldemiro E. Mira.

Estiveram em Silves os nossos amigos srs. Sebastião Ramalho Ortigão, Torquato Oliva, Joaquim dos Reis Sequeira e dr. José Antunes, de Alcantarilha; dr. João Marreiros, de Portimão; Carlos Dias e José Santinho Vargas, de S. Marcos da Serra.

Foi dado o nome de João Augusto Martins Jacinto, ao estremoso filhinho do nosso querido amigo João Carneiro Jacinto e neto do nosso Director.

Desejamos ao pequenino João Augusto, longa vida de prosperidades.

Esteve em Silves o sr. dr. Mário Ramires, distinto notário em Castro Verde, genro do nosso Director.

Foi a Lisboa com curta demora o sr. dr. José Júlio Martins, nosso querido redactor principal e estimado advogado, da nossa comarca.